

A Casio possui a linha mais completa e acessível do mercado perfeitamente adaptada ao ensino em Portugal.

Um encontro no limiar do século XXI

Entre os dias 19 e 23 do passado mês de Abril decorreu em Montreal, Canadá, o encontro anual da AERA, a Associação Americana de Investigação Educacional, um evento que habitualmente reúne mais de uma dezena de milhar de professores e investigadores. Pois é, na terra em que tudo é grande — os prédios são grandes, os carros são grandes, as pessoas são grandes — os encontros são enormes!

Naturalmente, uma realização desta dimensão requer uma logística diferente, uma oferta de sessões grande e variada. Qualquer participante que queira tirar o maior proveito do evento precisa de umas horas para estudar o programa, ou então, pode sempre recorrer ao *site* da Associação e fazer o *download* de um *software* que constrói um programa personalizado a partir de escolhas sobre os temas, autores preferidos, etc.

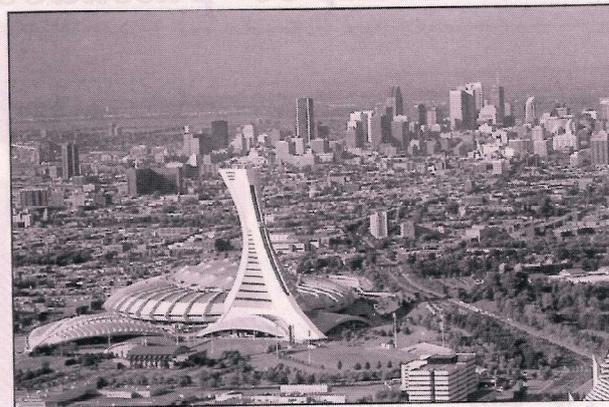
O encontro deste ano foi subordinado ao tema: *No limiar do século XXI: Desafios e Oportunidades*. Dentro desta temática geral, o programa organizou-se em torno de vários subtemas que variaram entre *Aprendizagem e Instrução*, *Formação de Professores*, *Políticas de Educação*, *Administração*, *Estudos sobre o currículo* e muitos mais. Também o formato das sessões foi bastante diversificado, sendo possível assistir, entre muitas outras opções, a comunicações ou entrevistas, participar em mesas redondas ou ir a sessões sobre “o estado da arte” de vários subtemas.

Um grupo simpático de cerca de quinze portugueses (do qual fiz parte...) também marcou presença. Com interesses diversos, encontrámo-nos nos corredores dos vários hotéis onde decorria o encontro, ou nas sessões dedicadas à Educação Matemática. À noite, distinguíam-nos facilmente na rua, pois ao lado dos

canadianos, para quem zero grau é apenas uma aragem fresca vinda do Alasca, nós éramos os encasacados!

Do meu ponto de vista, é impossível transmitir uma visão geral de quais foram os assuntos mais discutidos e as sessões mais interessantes, já que qualquer pessoa assiste apenas a uma parte infinitamente pequena do encontro. No entanto, não posso deixar de fazer comparações com a realidade portuguesa. E não se trata de olhar apenas ao número de participantes, pois fazendo a devida proporção relativamente ao tamanho das populações, o número nem é assim tão surpreendente. Também não é um olhar de inferioridade (de que os portugueses sofrem às vezes), pois já assisti em Portugal a sessões tão boas ou melhores quanto aquelas a que assisti neste encontro. É um olhar que procura simplesmente encontrar algumas diferenças e reflectir sobre elas. Destaco duas que penso merecerem a nossa atenção:

- *O conteúdo*. Uma questão que vi aparecer frequentemente nas investigações produzidas pelos americanos diz respeito às minorias étnicas e ao género. Por um lado, todos sabemos que os EUA se debatem com problemas raciais há muitos anos e, portanto, é natural que esse problema transpareça para o ambiente da educação e da investigação. Por outro lado, as diferenças no percurso escolar entre raparigas e rapazes são alvo da sua preocupação. No entanto, essa perspectiva tem estado muito longe dos interesses da investigação portuguesa. Resta saber se serão os americanos uns “exagerados” com as



Montreal

questões da igualdade ou seremos nós omissos! Temos razão para continuarmos a ignorar esse assunto ou existe fundamento para desenvolver interesse por ele?

- *A postura*. Um aspecto que me deixou surpreendida foi a facilidade com que se geravam discussões entre os oradores e a audiência. Praticamente todas as sessões incluíram um espaço para perguntas e comentários e esse espaço foi sempre aproveitado ao máximo, quer se tratasse de uma sessão de quarenta pessoas, quer envolvesse centenas. Nas sessões a que assisti, nunca se gerou um silêncio penoso que nós tão bem conhecemos e que muitas vezes só é interrompido pelo som de um telemóvel! Aqui acho que temos de lhes “tirar o chapéu”. De facto, se acreditarmos que a discussão conjunta dos problemas pode fazer-nos evoluir na compreensão e resolução dos problemas, então ainda temos muito que caminhar nesse sentido.

Conhecer a forma como outras pessoas, noutra ponta do mundo, reagem aos problemas, às vezes os mesmos com que nós nos confrontamos, é sem dúvida enriquecedor. Raramente obtemos resposta para eles, algumas vezes avançamos na sua solução mas, frequentemente, sentimo-nos encorajados por uma ideia interessante que alguém desconhecido se dispôs a partilhar connosco.

Lina Brunheira
Fac. de Ciências de Lisboa